



# Brasil registra recorde com 4,6 milhões de pequenos negócios em 2025

Economia verde pode render US\$ 20 trilhões anuais em 2070 e salvar milhões, diz ONU

Página 3

SP deposita R\$ 1 bilhão em ICMS para os municípios paulistas no primeiro repasse do mês

Página 2

Governo de SP amplia ações do plano Radar Anticorrupção

A Controladoria Geral do Estado de São Paulo (CGE SP) publicou a Resolução CGE N° 35/2025, que atualiza as ações do Plano Anticorrupção do Estado de São Paulo, também conhecido como Radar Anticorrupção. Com a atualização, o programa passa a contemplar 128 iniciativas, com prazos de implementação ainda neste ano e em 2026. Até o momento foram concluídas 90 ações, o que representa 70% do total.

O Radar Anticorrupção tem o objetivo de aprimorar a gestão pública, dificultando eventuais desvios de conduta. Para isso, o mira a adoção de ações voltadas à prevenção de riscos de fraude e corrupção e à detecção e punição no âmbito do Estado de São Paulo.

O programa cumpre o compromisso de oferecer mais integridade e transparência à gestão estadual e criar diretrizes permanentes de compliance – conjunto de normas legais e éticas, além de regulamentos de governança – para a administração pública.

A atualização das ações do Decreto 67.682, de 3 de maio de 2023, foi definida na segunda reunião de 2025 do Comitê de Combate à Corrupção, realizada em 28 de novembro.

O órgão colegiado de natureza consultiva, instituído pelo Decreto 67.681/2023, se reúne semestralmente com a finalidade de assessorar o governador do Estado na elaboração, implementação e avaliação de políticas públicas destinadas à prevenção e ao combate à corrupção na administração pública estadual. (Governo SP)

Vacina contra a dengue do Butantan começa a ser aplicada em janeiro



Foto: Butantan/Diário do Povo

Página 5

O Brasil abriu 4,6 milhões de novos pequenos negócios entre janeiro e novembro de 2025, número que já supera o resultado de 2024, quando foram criadas 4,1 milhões de empresas. Os dados mostram alta de 19% em relação ao mesmo período do ano passado, consolidando o melhor desempenho da série histórica.

Os pequenos negócios representaram 97% das empresas abertas no país em 2025.

Entre elas, 77% são microempreendedores individuais (MEI), 19% são microempresas e 4% são empresas de pequeno porte.

O presidente do Sebrae, Décio Lima, afirma que o crescimento reflete a confiança dos empreendedores no cenário econômico. Segundo ele, o país vive "situação de pleno emprego e inflação sob controle", fatores que estimulam a abertura de novos negócios. "Sessenta por cento dos brasileiros sonham em empreender.

O empreendedorismo é porta para inclusão, geração de empregos e renda", disse.

Em novembro, o país registrou a abertura de 350 mil novos pequenos empreendedores, 28 mil a mais do que no mesmo mês de 2024. Página 3

Missão São Paulo Exporta gera mais de R\$ 43 milhões em expectativa de negócios na América do Sul

Página 2

Minha Casa, Minha Vida deverá contratar 3 milhões de moradias até 2026

Página 3

SP Mulher inaugura Carreta da Odontologia em São Paulo

Página 2

## Esporte

Felipe Drugovich abre primeira temporada completa na Fórmula E



Foto: Divulgação

26ª Volta Internacional da Pampulha Bradesco tem vitórias do Brasil e do Quênia

Deu empate na briga entre brasileiros e estrangeiros pelo topo do pódio da 26ª Volta Internacional da Pampulha Bradesco, realizada na manhã deste domingo, em Belo Horizonte (MG). No feminino, em uma chegada emocionante e apertada, a vitória foi da brasileira Amanda Aparecida de Oliveira, quebrou um jejum de 11 anos sem triunfo nacional.

Ela marcou 1h07min05 para os 18 km em torno da Lagoa da Pampulha, apenas um segundo à frente da queniana Naum Jep Chirchir (1h07min06) e dez segundos à frente de Viola Kosgei, campeã em 2023. Amanda também entrou para a história ao se tornar a primeira atleta de Minas Gerais a vencer a elite feminina da Volta da Pampulha em 26 edições. Página 6

Com Pipo Derani, Genesis confirma dois Hypercars e movimenta a lista de inscritos do FIA WEC 2026



Foto: Divulgação

Genesis estreia no WEC com Hypercar GMR-001 e trio de gerações do endurance

O FIA World Endurance Championship divulgou na segunda-feira (8) a lista oficial de inscritos para a temporada 2026, marcada por um feito histórico: 14 montadoras globais estarão no endurance moderno. Entre as novidades, a estreia da Genesis Magma Racing é o ponto de maior

atenção — especialmente para o público brasileiro, já que Luis Felipe "Pipo" Derani integra a formação do primeiro Hypercar da montadora coreana no WEC.

A equipe Genesis Magma Racing, que competirá com o novo GMR-001 Hypercar, traz uma formação de peso reunindo três gerações do endurance mundial. Página 6

Felipe Giuffone é tetracampeão da Copa Truck Petrobras em decisão dramática



Foto: Divulgação

por saber tirar proveito de revezes dos seus principais adversários. Ao longo da temporada 2025, concluída no domingo (7) com decisão dramática no Autódromo Internacional José Carlos Pace, em Interlagos, Giuffone conquistou uma vitória, na corrida 2 da etapa de Potenza (MG), mas finalizou 14 das 18 provas entre os dez primeiros a bordo do Volkswagen Meteor #4.

A etapa que decidiu o título foi emocionante e cercada de drama. Leandro Totti (Vannucci Racing) converteu a pole position em vitória na primeira prova e fechou a temporadacom o piloto que mais triunfou (seis vezes).

Página 6

A Copa Truck Petrobras fechou uma grande temporada 2025

Felipe Giuffone é tetracampeão da Copa Truck Petrobras. O experiente piloto da R9 Competições faturou o quarto título da categoria dos "brutos" e repetiu o feito de 2017, 2023 e 2024 com uma campanha pautada pelas regularidade, consistência e também

### Previsão do Tempo

Sexta: Sol, com chuva de manhã e diminuição de nuvens à tarde. Noite com pouca nebulosidade.



Manhã Tarde Noite

Fonte: Climatempo

### DÓLAR

Comercial  
Compra: 5,44  
Venda: 5,44

Turismo  
Compra: 5,48  
Venda: 5,66

### EURO

Compra: 6,32  
Venda: 6,32



# Brasil registra recorde com 4,6 milhões de pequenos negócios em 2025

O Brasil abriu 4,6 milhões de novos pequenos negócios entre janeiro e novembro de 2025, número que já supera o resultado de 2024, quando foram criadas 4,1 milhões de empresas. Os dados mostram alta de 19% em relação ao mesmo período do ano passado, consolidando o melhor desempenho da série histórica.

Os pequenos negócios representaram 97% das empresas abertas no país em 2025. Entre elas, 77% são microempreendedores individuais (MEI), 19% são microempresas e 4% são empresas de pequeno porte.

O presidente do Sebrae, Décio Lima, afirma que o crescimento reflete a confiança dos empreendedores no cenário econômico. Segundo ele, o país vive "situação de pleno emprego e inflação sob controle", fatores que estimulam a abertura de novos negócios. "Sessenta por cento dos brasileiros sonham em empreender. O empreendedorismo é porta para inclusão, geração de empregos e renda", disse.

Em novembro, o país registrou a abertura de 350 mil novos pequenos empreendimen-



tos, 28 mil a mais do que no mesmo mês de 2024.

O setor de serviços respondeu por 64% das novas empre-

sas abertas até novembro. Nesse segmento, a abertura de MEI cresceu 24,5% em relação ao mesmo período de 2024. Em seguida, aparecem o comércio, com 21% do total, e a indústria, com 7%.

São Paulo (29%), Minas Gerais (11%) e Rio de Janeiro (8%) foram os estados que mais registraram abertura de pequenos negócios em 2025.

Atividades com maior número de novos empreendimentos

Microempreendedores individuais (MEI):

Atividades de malote e entre-

ga: 22.986 novos MEI (9%)

Transporte rodoviário de carga: 19.753 novos MEI (7%)

Atividades de publicidade: 16.091 novos MEI (6%)

Micro e pequenas empresas (MPE):

Atenção ambulatorial por médicos e odontólogos: 4.981 novas MPE (6%)

Serviços combinados de escritório e apoio administrativo: 3.949 novas MPE (5%)

Atividades de saúde, exceção a médicos e odontólogos: 3.326 novas MPE (4%) (Agência Brasil)

## Economia verde pode render US\$ 20 trilhões anuais em 2070 e salvar milhões, diz ONU

Relatório publicado pela ONU na terça-feira (9) mostra que uma economia verde que enfrenta mudanças climáticas pode ter custos iniciais, mas também render até US\$ 20 trilhões anuais a partir de 2070, salvar milhões de vidas poupanças de fome, poluição e eventos extremos e tirar ainda centenas de milhões da pobreza.

Uma economia descarbonizada e sustentável não é uma questão de querer. "Medidas urgentes não são mais opcionais, são necessárias", afirma Edgard Gutiérrez-Espeleta, copresidente de avaliação da nova edição do Global Environmental Outlook (GEO-7), produto de trabalho de 287 cientistas de 82 países.

O documento foi lançado na 7ª Assembleia de Meio Ambiente da ONU, que ocorre neste sábado em Nairobi, no Quênia.

Apesar do Acordo de Paris e outras medidas, as emissões de gases de efeito estufa aumentaram 1,5% ao ano desde 1990, atingindo o pico em 2024. O planeta experimenta recordes de temperatura nos últimos dois anos e eventos climáticos extremos e diversos, como queimadas na África e encherões na Ásia.

"A ciência é clara, as soluções são conhecidas. O que é necessário é coragem para agir na escala e na velocidade que a história exige", diz Gutiérrez-Espeleta, ex-ministro de Meio Ambiente e Energia da Costa Rica.

Com 1.222 páginas, o GEO-7 lista cinco "verdades críticas"

que precisam ser atacadas imediatamente na luta contra a mudança climática:

Há uma crise ambiental. A mudança climática, a perda de biodiversidade, a degradação dos solos e a poluição ameaçam a segurança nacional dos países, a saúde pública, a estabilidade econômica e os próprios contratos sociais;

Há uma crise de governança. Os políticos atuam mirar ganhos de curto prazo em detrimento da resiliência de longo prazo, deixando lado metas climáticas;

Uma reforma financeira é necessária. É essencial redirecionar US\$ 1,5 trilhão em subsídios para a agricultura e absorver US\$ 45 trilhões de externalidades;

Governos e sociedades têm que dar respostas integradas. A formulação de políticas deve reunir empresas, setor financeiro, academia, sociedade civil e também detentores de conhecimento indígena, com transições justas, rápidas e irreversíveis;

É preciso justiça e equidade. "As nações mais ricas devem reduzir o consumo e mobilizar finanças e tecnologia; as de renda média devem ampliar a infraestrutura verde; países de baixa renda precisam de apoio para avançar em suas tecnologias", diz o documento. Comunidades mais vulneráveis e os povos originários precisam ter prioridade.

Além de um retrato mais fidedigno da economia, o GEO-7 define uma reavaliação de subsídios, taxas e incentivos que permeiam a economia baseada em com-

argumentos imediatos de mudança. Nas últimas duas décadas, eventos climáticos extremos custaram ao menos US\$ 143 bilhões anuais, aponta o relatório. Apesar disso, o estrago da poluição do ar na saúde pública global chegou a US\$ 8,1 trilhões.

Já a transformação macroeconómica sugerida pelo estudo começa a aparecer em 2050, quando o Acordo de Paris prevê a neutralidade de emissões, e crescer para US\$ 20 trilhões anuais a partir de 2070. Para tanto, o estudo prega uma revolução na condução das finanças internacionais, a começar pelo cálculo do PIB. No lugar da tradicional contabilidade de bens e serviços, o produto interno bruto deveria agregar "métricas de riqueza abrangentes e inclusivas, que se concentrem no bem-estar da sociedade e nos ativos naturais", explica o relatório.

"É complicado destruir uma floresta, mas podemos ressuscitá-la", diz Gutiérrez-Espeleta. "Precisamos considerar aí além da economia, incorporar a sustentabilidade e também as vulnerabilidades." Defendido por alguns economistas, esse novo PIB é alvo de proposta do secretário-geral da ONU, Antônio Guterres, que montou um painel de especialistas para a tarefa.

Além de um retrato mais fidedigno da economia, o GEO-7 define uma reavaliação de subsídios, taxas e incentivos que permeiam a economia baseada em com-

bustíveis fósseis e em práticas insustentáveis no uso do solo — agricultura, pecuária e silvicultura.

A população mundial cresce e está ficando mais rica. Estamos exigindo mais energia, mais alimentos, mais materiais e, infelizmente, estamos produzindo tudo isso de forma que afeta o meio ambiente.

Nossos sistemas econômicos, judiciais e de governança são claramente insustentáveis neste momento", explica Robert Watson, outro líder do estudo.

"Precisamos de uma abordagem que envolva governo e sociedade", diz o especialista, que já conduziu o IPCC, painel científico da ONU, e IPBES, a Plataforma Intergovernamental de Biodiversidade.

"Se tudo continuar como está, teremos um mundo muito destruído nos próximos 50 anos."

Dois cenários de mudanças foram testados pelos cientistas do GEO-7. No primeiro, a mudança é predominantemente de comportamento. No segundo, a mudança é tecnológica.

"Nenhum deles simula o mundo real, precisamos dos dois. A conclusão da modelagem é que sim, podemos nos tornar muito mais sustentáveis. Isso exigirá mudanças de comportamento, mudanças tecnológicas e inovação, além de mudanças na governança. Não é uma coisa ou outra, é tudo junto."

Economia circular, descarbonização da matriz energética, sustentabilidade nas cadeias de minerais, notadamente os críticos. "É preciso começar a se encantar." Mais não tão rápido.

"Neste momento, a maioria dos governos tem a missão responder às demandas da população, que exige

dieta saudável, proteínas alternativas, diversos seriam os temas para esse diálogo extenso e complexo entre governos e sociedades.

Questionado pela Folha de S.Paulo como propor tamanha discussão em momento de negacionismo da crise climática e ascensão de governos populistas, Gutiérrez-Espeleta lembrou de seu tempo como ministro na Costa Rica, quando o meio ambiente virou estampa dursal da política do país.

"As peças começam a se encaixar." "Mas não tão rápido.

"Neste momento, a maioria dos governos tem a missão responder às demandas da população, que exige

dieta saudável, proteínas alternativas, diversos seriam os temas para esse diálogo extenso e complexo entre governos e sociedades.

Quando Maria acordou naquela terça-feira e encontrou sua pequena padaria destruída por um incêndio, não imaginava que voltaria a abrir as portas em menos de dois meses. O seguro empresarial contratado meses antes, tendo sido incentivada a contratar por um corretor persistente, transformou o que seria falência em reconhecimento. Esta história, longe de ser isolada, revela uma verdade urgente: o seguro não é luxo. Pelo contrário, consiste em uma estrutura de sobrevivência.

O mercado brasileiro de seguros gerais movimenta bilhões anualmente, mas ainda patina em penetração social. Enquanto países desenvolvidos apresentam taxas acima de 8% do PIB em prêmios de seguro, o Brasil mal ultrapassa 3%. A distância não é apenas numérica — é cultural, educacional e, sobretudo, de acesso à informação qualificada.

Os seguros gerais abrangem desde proteção patrimonial básica (residencial, automóvel) até coberturas empresariais complexas (responsabilidade civil, riscos de engenharia, transporte de cargas). Cada modalidade representa um pilar de estabilidade econômica e social. O trabalho de corretores, reguladores e educadores financeiros tem sido fundamental nessa construção — profissionais que traduzem apólices herméticas em linguagem acessível e levam proteção onde o mercado ainda não chegou.

A pandemia escancarou nossa fragilidade. Empresas fecharam, famílias perderam renda, patrimônios se dissiparam. Quem tinha seguro respirou diferente — não sem dor, mas com possibilidade de reorganização. A diferença entre falência e reconstrução muitas vezes está numa apólice cujo valor mensal equivale a jantares que esquecemos no dia seguinte.

Precisamos desmistificar o seguro. Não é aposta contra o azar, é gestão de risco. Não é custo desnecessário, é investimento em continuidade. Não é produto para ricos, é ferramenta de proteção democrática — desde que acessível e compreensível.

Maria reabriu sua padaria e viu, sem querer, porta-voz de uma causa nacional. Mas histórias como a dela ainda são exceção. É urgente um pacto amplo pela cultura do seguro no Brasil.

Nesse sentido, proponho que a SUSEP, CNseg, entidades de classe, universidades e governos estaduais construam um programa nacional de educação securitária nas escolas públicas e incuba-doras de negócios. Uma iniciativa simples: incluir noções básicas de gestão de risco e proteção patrimonial nos currículos de empreendedorismo e educação financeira já existentes. Paralelamente, criar balcões de orientação gratuita em Sebrae, prefeituras e associações comerciais — pontos de esclarecimento sem compromisso de venda, apenas informação qualificada.

Igualmente, convido autoridades regulatórias, parlamentares e lideranças setoriais a um debate público sobre a democratização do acesso ao seguro. Não se trata de expandir um mercado por expandir, mas de construir uma sociedade mais resiliente. O seguro não evita tragedias, mas transforma seu significado: converte caos em planejamento, desespero em solução, fim em recomeço.

Finalmente, ampliar a cultura securitária no Brasil é sinônimo de construir um futuro menos vulnerável. E isso começa agora, com informação clara, acesso facilitado e compromisso coletivo em fazer a diferença real na vida de quem mais precisa.

**Nicholas Maciel Merlone** - | Advogado especialista em Direito do Consumidor com Escritórios Parceriais | Professor Universitário | Mestre em Direito | Articulista & Escritor. Instagram: @nicholasmerlone / Contato: nicholas.merlone@gmail.com

## Haddad diz que aporte aos Correios deve ser menor que R\$ 6 bilhões

O aporte do Tesouro Nacional aos Correios deve ficar abaixo dos R\$ 6 bilhões inicialmente cogitados pela estatal, disse na segunda-feira (8) o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

Segundo ele, o governo analisa alternativas para reforçar o caixa da empresa, incluindo a possibilidade de combinar o aporte com um empréstimo, que pode ser liberado ainda este ano, embora não haja decisão final.

Haddad destacou que há espaço fiscal em 2025 para um aporte, mas reforçou que a medida não está definida.

"Até teria espaço, mas não é uma coisa que está decidida", afirmou ao conversar com jornalistas na porta do Ministério da Fazenda.

## Minha Casa, Minha Vida deverá contratar 3 milhões de moradias até 2026

Até o fim de 2026, o governo pretende financiar 3 milhões de unidades do Minha Casa, Minha Vida (MCMV), disse na segunda-feira (8) o ministro das Cidades, Jader Filho. Em café da manhã com jornalistas, ele assegurou que não faltaria recursos para o programa habitacional.

Jader destacou que o programa deve terminar 2025 com cerca de 2 milhões de moradias com o financiamento contratado desde o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. A contratação de 1 milhão de unidades no próximo ano, reüssaltou, é apoiada por um cenário de disponibilidade financeira e aquecimento do setor da construção civil.

O ministro informou que há R\$ 144,5 bilhões do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) para 2026, dos quais R\$ 125 bilhões voltados à habitação popular. Tam-

bio via Projeto de Lei do Congresso Nacional (PLN), caso o governo considere necessário. Ambas as alternativas ainda estão em avaliação da equipe econômica.

Além da injecção direta de recursos, o governo discute oferecer aval para um empréstimo comunitário, precisam ser reestruturados", disse.

De acordo com Haddad, o aporte de R\$ 6 bilhões não deve confirmar essa questão.

"Esse valor, não. É valor inferior a esse pelo que eu sei", declarou.

Inicialmente, os Correios cogitavam receber um reforço de caixa de R\$ 6 bilhões do Tesouro para cobrir o prejuízo do mesmo valor acumulado de janeiro a setembro.

O aporte pode ser viabilizado por meio de crédito extraordi-

nário ou via Projeto de Lei do Congresso Nacional (PLN), caso o governo considere necessário. Ambas as alternativas ainda estão em avaliação da equipe econômica.

Jader anunciou que as faixas de renda do Minha Casa, Minha Vida serão atualizadas no início de 2026. A Faixa 1, atualmente limitada a famílias com renda de até R\$ 2.850, deverá contemplar quem ganha aproximadamente dois salários-mínimos.

Segundo o ministro, a mudança acompanha a evolução do mercado de trabalho e a necessidade de ampliar o alcance do programa para famílias que não conseguem acessar financiamentos no sistema tradicional.

O MCMV, destacou Jader Filho, vem exhibindo forte ritmo de crescimento. Em novembro, foram

registrados 80 mil novos financiamentos, acima da média mensal de 60 mil observada até outubro. Uma a cada três contratações tem sido direcionada à Faixa 1.

O PIB (Produto Interno Bruto) da construção civil está puxando a economia brasileira, e quem está puxando a construção civil é o Minha Casa, Minha Vida. Em São Paulo, 67% dos lançamentos são programa", afirmou o ministro.

O governo projeta chegar ao fim de 2026 com média mensal de 80 mil contratações, sustentando o setor e estimulando a geração de empregos.

Além disso, Jader disse que o programa deve ampliar a oferta de unidades para a classe média, que hoje encontra menos opções no mercado. A meta é chegar a 10 mil contratações para esse segmento até 2026, ante as atuais 6 mil.

Mesmo com as restrições im-

postas pelo calendário eleitoral, Jader garantiu que o ritmo de entregas não será afetado. Segundo ele, 60% das unidades previstas para 2026 ficarão prontas no primeiro semestre.

O próximo ano deve ser o mais robusto em entregas da atual gestão, com cerca de 40 mil unidades previstas. Antes do fim de 2025, o governo pretende entregar ao menos 2 mil moradias em diferentes regiões do país. O prazo médio entre a contratação do financiamento e a conclusão das obras, ressaltou o Ministério das Cidades, está de 18 a 22 meses.

O ministro confirmou que deixará o cargo até março de 2026 para concorrer a uma vaga de deputado federal pelo Pará. Ele afirmou que a equipe do ministério está preparada para garantir continuidade ao programa durante o período eleitoral.







